



NOVIDADES Em clima de eleição, Infantino confirma Mundial de clubes no Marrocos e recua sobre formato da próxima Copa

Fifa faz pacote de bondades

MARCOS PAULO LIMA
Enviado especial

Doha — A quatro meses da eleição da Fifa marcada para Kigali, capital de Ruanda, em 16 de março, o presidente Gianni Infantino anunciou, ontem, um pacote de bondades contendo a criação de torneios e abertura de janelas para amistosos ao aumento do orçamento da entidade máxima do futebol para o quadriênio de 2023 a 2026, na tentativa de agradar a todos, conquistar mais votos e fortalecer a candidatura ao segundo de três mandatos possíveis. O período de 2016 a 2019, depois da queda do antecessor Joseph Blatter causada pela Operação Fifagate, não entra na contagem, de acordo com o Comitê de Governança, Auditoria e Conformidade.

Mesmo com um calendário achatado, Infantino prometeu um novo Mundial de Clubes para 2025 com os 32 melhores times do mundo, a criação de uma versão feminina do torneio com 16 times, o lançamento do Mundial Feminino de Futsal e confirmou dois possíveis formatos para primeira fase da Copa do Mundo de 2026, no Canadá, Estados Unidos e México. O primeiro com 16 grupos de três seleções cada. Duas avançariam ao mata-mata em 16 avos, seguido de oitavas, quartas, semi e final. A outra possibilidade são 12 chaves com quatro países cada. Dois avançariam ao mata-mata além de oito terceiros colocados. Os anfitriões estão automaticamente garantidos. Restam 45 vagas para as Eliminatórias.

O pacote de bondades também inclui dinheiro para movimentar os 211 filiados à Família Fifa. A previsão inicial do orçamento da Fifa para o quadriênio de 2023 a 2026 era de US\$ 7,5 bilhões — US\$ 1 bilhão a mais do que a projeção anterior. No entanto, o Conselho da Fifa aprovou um montante bastante superior na casa de US\$ 11 bilhões. Do total, cerca de US\$ 9,7 bilhões serão destinados exclusivamente a investimentos em futebol.

Vai sair do papel?

A reunião do conselho aconteceu em uma hora a entrevista de Gianni Infantino. Anterior à entrada dele no estádio virtual, como é chamada a sala de conferência do Qatar National Convention Centre, o QG da Fifa em Doha, o encontro do Conselho da entidade máxima do futebol reúne 28 dirigentes escolhidos pelas seis confederações (UEFA, Conmebol, Concacaf, CAF, AFC e OFC), oito vice-presidentes da Fifa e o presidente Gianni Infantino.

"Haverá uma Copa do Mundo de Clubes com 32 clubes a cada quatro anos. A primeira, em 2025"

Gianni Infantino, presidente da Fifa

Algumas propostas de Infantino não são novas e encontram dificuldade para sair do papel. A ideia do Mundial de Clubes se arrasta desde 2021. O plano, inclusive, era para que fosse disputado na China. Não prosperou. Infantino quer o torneio a cada quatro anos, ocupando o vazio deixado pela extinta Copa das Confederações. Disputada até 2017, o evento-teste para a Copa do Mundo saiu definitivamente do calendário.

"Haverá uma Copa do Mundo de Clubes com 32 clubes a

Odd Andersen/AFP



Eleito presidente da entidade máxima do futebol em fevereiro de 2016, Gianni Infantino promete reformular tradicionais competições do calendário

cada quatro anos. A primeira, em 2025. Vai ser como o atual formato da Copa do Mundo de seleções", afirmou Infantino, sem esclarecer como funcionará a distribuição das vagas para o torneio. Ele apenas respondeu: "Serão os 32 melhores times do mundo", encerrou.

O atual Mundial de Clubes da

Fifa, cuja próxima edição está confirmada para Marrocos, contará com as participações de Flamengo e Real Madrid, além de outras cinco equipes. A próxima edição será disputada em Agadir e Marrakesh no período de 1º a 11 de fevereiro. Marrocos receberá o evento pela terceira vez. O país havia sido sede em 2013 e

em 2014 nas conquistas, respectivamente, do Bayern de Munique e do River Plate.

Uma possível inovação na gestão de Infantino é a criação do Mundial de Clubes feminino. Durante a entrevista, o cartola fez questão de frisar que a Fifa é uma entidade global e não pode discriminar ninguém. Há

competições femininas contínuas, mas não um Mundial. Atento às demandas do futebol feminino, o cartola também defendeu o aumento da quantidade de seleções no torneio feminino nos Jogos Olímpicos de 12 para 16 países. A proposta depende obviamente do aval do Comitê Olímpico Internacional (COI).

Copa de 2026 segue em estudo

A quatro anos da Copa do Mundo no Canadá, Estados Unidos e México, a Fifa segue batendo cabeça no que diz respeito ao formato da próxima edição. O presidente Gianni Infantino recuou em relação ao discurso anterior, quando parecia praticamente convicto.

"Ao anunciarmos a Copa do Mundo com 48 times, decidimos que seria com 16 grupos de três. Mas preciso dizer aqui o seguinte: vamos discutir isso. Os grupos de quatro são incríveis, com emoção até o último minuto. Precisamos rediscutir o formato. Podem ser 12 grupos de quatro. A questão do formato entrará na agenda dos próximos encontros", disse.

O maior adversário do formato com 16 grupos de três é a possibilidade de partidas arranjadas,

os chamados jogos de compadres para avançar à segunda fase. Infantino não levou o assunto adiante e disse que confia na transparência das seleções.

A reunião do conselho também agendou para 2024 a escolha da sede da edição centenária da Copa do Mundo. O edital da concorrência será publicado no início de 2023 com as regras para os países candidatos. Há combos como Espanha e Portugal e outros maiores como um da América do Sul formado por Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai.

Novo torneio

Outra novidade para os próximos anos pode ser a criação de um janelão de amistosos para seleções em anos pares batizado

de World Series. "Temos que ver uma forma de países de outros continentes enfrentarem os melhores", afirmou Infantino diante das críticas ao isolamento, principalmente, dos europeus, depois da criação da Nations League. O Brasil, por exemplo, enfrentou apenas um adversário do Velho Continente neste ciclo da Copa — a República Tcheca. As restrições incomodam todos os países de fora da Uefa.

O janelão da Fifa abriria brecha, a partir de 2025, para quatro partidas no fim de setembro e início de outubro. Elas substituiriam as atuais realizadas separadamente. As datas de novembro, março e junho não sofreriam alterações. A chamada Fifa World Series aconteceria na janela de março nos anos pares.

Jewel Samad/AFP



Despedida do atual formato do Mundial será amanhã, com a decisão entre Argentina e França, às 12h

Coluna do Mauro Beting



Uma enorme final

A Argentina mudou cinco titulares da zebra que foi a derrota de virada na estreia para a Arábia Saudita. Parecia desespero do jovem Scaloni diante de mais um fiasco platino desde Maradona, em 1986. Foi um acerto como o belo tiro de Messi que abriu o placar no jogo seguinte, encardido contra o México. A primeira das seis finais argentinas no Catar.

Não que os hermanos quisessem. Mas a derrota inicial fez o time estar em ponto de

bola desde então. Os fantasmas desde a final de 1990 pesam. Naquele Mundial na Itália não foi dor. Foi espanto. Argentina medíocre chegou até a decisão perdida para a Alemanha na base do Diego Inchado como seu torneio e no jogo para os penaltis defendidos por Goicoechea, na pior das Copas já jogadas. Ou não jogadas.

Em 1994, o doping de Maradona murchou um time que tinha bala. Como em 1998, uma genialidade de Bergkamp a

eliminou. Em 2002, o grupo da morte levou mais cedo para casa a melhor seleção da Argentina que vi. A de Marcelo Bielsa, de 2000 até a Copa.

Em 2006, os malditos penaltis contra a Alemanha derrotaram um bom time. Melhor que o de 2010 que foi varrido pela Alemanha que seria algo também na final de 2014. Time de Messi e pouco mais. Em 2018, outra Copa insana e instável como o time e Sampaoli. Derrotada apenas pela futura campeã França. A rival de agora para impedir um título que o futebol argentino (mais do que sua seleção) não merece ficar tanto tempo sem.

Demorou demais para uma das melhores escolas do planeta ganhar a primeira Copa, e daquele jeito sob coturnos e chuteiras, em 1978. Dali para o bi de Maradona (mais dele do que do time) foi dois passinhos de tango. De lá para cá, nem Messi tinha nascido no planeta de onde veio.

Você está lendo um menino que torceu a Copa de 1978 contra os donos da casa trancada pela ditadura. Um quase adulto que torceu por Maradona — menos na final contra a Alemanha, em 1986. E, desde então, quando enfim conheci o país, sua gente, e a literatura, o

cinema, a publicidade, e mais do futebol, passou a respeitar e apreciar ainda quem veste a camiseta albiceleste. Melhor: a camisa que reveste a pele e a alma de um povo que não pertence ao país do futebol como o Brasil. Mas é mais futeboleiro que a nossa gente. Eles são um povo do futebol. O brasileiro é o país do esporte.

Definição não é minha. Mas o sentimento é. Esse que faz do time errático e caótico de Scaloni (reveja o final dos 90 minutos do sufoco contra Austrália e Holanda) um candidato ao título contra equipe com melhores jogadores — mesmo

desfalcada. Com trabalho e esquemas mais definidos. Mas, talvez, uma França sem essa chama que incendeia a grama onde levita Messi. Mesmo contra a explosão de Mbappé. E a glacial categoria de Griezmann.

A Argentina nem sempre merece os elogios pelo que joga e pelo que não deixa jogar. Mas o que ela deixa na cancha é algo que não se planta. Nem se colhe. Germina nas veias que amarram as chancas platinas com sangue de batalha e seiva de espírito de luta.

A Copa terá um grande campeão. E um grande vice. Não me pergunte qual.